

A PROVÍNCIA

Informação • Cultura • Recreio

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

Redacção e Administração — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18 — Telef. 030 4 67
MONTIJO

Composição e Impressão — GRÁFICA MONTIJENSE, LDA. — Telef. 030 0 49 — MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS O TERRAMOTO DE AGADIR

Por Seisdedos Branco

Toda a gente sabe que se está comemorando, em todo o país, a passagem do quinquagésimo aniversário do extraordinário português que foi o Infante D. Henrique, merecidamente cognominado «O Navegador» ou «O Infante de Sagres». Membro duma numerosa prole que se distinguiu, toda ela, pela particular formosura das suas qualidades pessoais e pelas excelsas virtudes das suas almas, a todos sobressaiu, do âmbito da «Inclita Geração», pela pertinaz acção desenvolvida no sentido de dar, à sua Pátria querida, a glória de ser, na opinião do afamado navegador veneziano Luís Cadamosto, a mãe do «primeiro inventor» da empresa dos descobrimentos.

Entendemos que mal nos ficaria, alhearmo-nos dessas merecidas manifestações de gratidão e de reconhecimento pela obra de um Homem, cujo nome e cuja recordação devem estar sempre presentes a todos os Portugueses. Daí a resolução de comungarmos, voluntariamente, no coro de comemorativos aplausos que se estão verificando por Portugal inteiro, com estas nossas descoloridas e desvaliosas palavras, filhas tão somente da ilimitada admiração pelo génio incomparável do grande patriota que, após a conquista de Ceuta, a cujo projecto deu, desde o seu início, a mais abnegada, intensiva e arrojada adesão, querendo saber a causa das fortes correntes oceânicas, que tinham arrastado as caravelas do comando de D. João de Castro, no seu regresso da conquista africana, para junto das ilhas Canárias, no

ano imediatamente a seguir, executou, no dizer do célebre historiador inglês Edgard Prestage, «a primeira expedição científica deste género, de que há memória».

Assim teve princípio a magnífica obra dos descobrimentos marítimos; assim Portugal tomou a primazia cultural, civilizadora, política e heróica, entre todas as Nações do Mundo.

Já antes, porém, ao dealbar da decisão da tomada de Ceuta, reconhecidas as superiores qualidades de organizador e a intuição marítima do inclito Infante, lhe fora confiada a constituição da frota que, na sua cidade natal, o glorioso e liberal burgo do Porto, devia recolher as gentes nortenhas, que se juntariam às do Sul, da responsabilidade do seu sábio irmão D. Pedro, para formarem a expedição às terras setentrionais do continente africano.

E foi um nunca mais parar! Com a sua forte inteligência, com a sua pertinaz audácia, com a sua indômita coragem, com o seu inexcedível patriotismo e à custa dos seus próprios bens, instalando-se na isolada e penhascosa Ponta de Sagres, afastado de tudo e de todos, recolhido no estudo dos seus livros e nos maravilhosos resultados das suas ininterruptas experiências, o homem superior que «*virgem o comeu a terra*», conforme dele diz o precioso cronista Gomes Eanes Zurara, prosseguiu, indômitamente, na senda gloriosa dos descobrimentos, dando, ao Mundo, novos Mundos e à sua adorada Pátria a glória imarcessível de ocupar o primeiro lugar entre

todas as gentes do Orbe Terrestre.

As suas cinzas, religiosamente e patrioticamente conservadas, em túmulo privado do grandioso Mosteiro da Batalha, deverão, talvez, sentir o frémito de nacional respeito e de universal admiração, que, nesta hora solene das comemorações, todo o Mundo lhe vota.

Nada é o que aqui fica dito.

Lição enormíssima e inconfundível é toda a inexcedível obra do que foi, em vida, o excelso e inclito Infante D. Henrique.

Montijo, ainda que parcela ínfima do nosso agregado nacional, não poderia, nem deveria, para bem do seu nome, ficar indiferente a todos os actos comemorativos do quinto centenário do inconfundível navegador, que,

arvorando, nos seus primeiros navios o pendão tricolor, com a celebrada divisa «*Talent de Bienfaire*», conseguiu, com o seu heroísmo e dos seus arrojados colaboradores, apagar, das mentes universais, o fatídico prolóquio: *Quem for ao Cabo Não, ou voltará ou não*» e também acabar com o tradicional horror da passagem do Cabo das Tormentas, com a abertura, a todo o Universo, de todos os mares que circundam a Terra.

«A Província» dá, assim, o seu contributo a todas as manifestações decorrentes e associa-se, de coração aberto, aos significativos e calorosos actos de profunda admiração pelo heróico filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, honra e glória inconfundíveis da nossa querida Pátria.

P. G.

O CONDESTÁVEL

D. NUN'ÁLVARES PEREIRA

Ao mesmo tempo que se estão realizando as mais entusiásticas comemorações do falecimento do heróico navegador do Promontório de Sagres, verifica-se, também que faz, no ano corrente, precisamente quinhentos anos que, nos paços de Bonjardim, junto à actual vila da Sertã, nascia D. Nun'Álvares Pereira, mais tarde, pelo insuperável valor dos seus actos, Condestável de Portugal e considerado a mais alta figura da História Militar Portuguesa, de todos os tempos.

Justo é, portanto, que, a par dos gestos comemorativos que, em honra e em memória do inclito Infante D. Henrique, se estão efectuando, recordemos, no momento decorrente, a patriótica figura do Beato Nun'Álvares, o mais novo elemento duma vasta prole e de toda ela o mais saliente, nos valiosos serviços à Pátria.

Não podemos, mesmo, deixar de meditar na justa aproximação das vidas e das acções destes dois grandes portugueses, compará-las, até, na apreciação de que, sem as gestas insuperáveis do destemido laborador da independência nacional, se não teriam efectuado os descobrimentos, ou se não teria criado o ambiente indispensável

para a realização desse magnífico empreendimento.

Como muito doutamente diz o sábio historiador dr. Jaime Cortesão:— «Nun'Álvares Pereira» foi a espada triunfante do princípio da soberania popular, contra a realeza hereditária, que não se conhecia a nação».

Após a heróica fundação do reino português por D. Afonso Henriques, o Galaaz lusitano foi, iniludivelmente, o consolidador deste Estado maravilhoso do extremo ocidental da Península Hispânica, consubstanciando, na sua pessoa, o sentimento de liberdade e de independência de todo o povo luso, insaciável nas suas aspirações de grandeza e de ambições legítimas da consciência nacional, já inabalavelmente formada, então.

Lutador audaz e consciencioso, ao mesmo tempo, acorrendo sempre a todos os pontos, em que se tornava indispensável a sua enérgica presença e o valor da sua espada, destemidamente lutou em prol da defesa dos direitos nacionais, nunca o valente batalhador permitindo que as hostes castelhanas, pretensamente desejosas do domínio desta desta rica facha de ter-

(Conclui na pág. 2)

Não foi o primeiro, mas para nós é como se o fosse e a nossa alma sente-se alarmada, triste e pensativa...

Porquê?... Porque o céu parece conservar a sua cor avermelhada, sinal de fogo e sangue e luminar da justiça divina. Foi longe que se deu a terrível catástrofe de Agadir, mas para nós, almas cristãs e sensíveis, é como se fosse perto, muito perto, porque em nossos corações o mundo é uma família e todos somos seus membros. É preciso significar também os sentimentos do nosso sentir a Deus e aos homens pelo sofrimento daqueles a quem o sismo levou e aos que providencialmente ficaram banhando no mar de desdita, dor e desânimo!...

A Humanidade parece esquecer as leis divinas, e que tenhamos de esperar senão catástrofes?

Não nos contentemos em dar graças a Deus, por nos criar num lar cristão e numa Pátria iluminada pelos alvares do Cristianismo, mas procurei cada um o seu posto, o seu dever, a sua missão, neste rincão abençoado que é a Terra.

Não vivamos simplesmente para nos amarmos a nós mesmo e amar o mundo; a vida tem que ir mais além, temos que combater as paixões e o que lhe possa dar princípio.

Não queremos um mundo maravilhoso, sem defeitos nem ranhuras, mas queremos um mundo melhor, mais humano, e esse podemos nós fazê-lo, para evitarmos que Deus mande estes avisos, que nos lembram que o Senhor pode fazer mais num segundo que a Humanidade na vida inteira.

A vista da humanidade que canta sem ouvir os lamentos dos que sofrem, dá-nos a impressão que esses se sentem senhores, e que a escravidão voltou, porque caminham como num sonho feliz nas regiões da indiferença, no campo da mentira.

Que importa que a cegueira os não deixe ver as sumas verdades?... Tentemos ser filhos obedientes, compreensivos e justos.

(Conclui na pág. 6)

Tipos portugueses



Entre os tipos nacionais que estão a desaparecer conta-se o popular saloio, que vemos na gravura acima e foi protagonista de tanta peripécia, algumas demonstrando bem a inteligência do discutido personagem.

IMAGENS DE PORTUGAL



Esta conta muitas jóias arquitectónicas no seu seio e uma delas é o famoso Mosteiro dos Jerónimos, que se reproduz acima. Bem conhecido de todos os portugueses, é um marco da nossa história.

ETNOGRAFIA

A crónica de hoje é o comentário de um telegrama italiano de Pádua, publicado em jornais portugueses. O telegrama informa que o jornal «Gazzetta del Vento» inseriu um artigo com o título «Os ranchos folclóricos portugueses». Entre o que o articulista diz, notemos o que segue.

1-«Os grupos folclóricos portugueses não actuam como actores ensaiados, representando ficticiamente uma peça. Sentem e vivem naturalmente as suas festas, os coros e canções, as danças com os trajes regionais de que se orgulham». 2-«As tradições portuguesas são antigas, mas continuam actuais, pois vivem no sentimento, na alma, do povo, tão impregnado da singularidade e da nobreza dos seus antepassados». 3-«Por isso, os ranchos folclóricos portugueses não atraem apenas os turistas, que visitam Portugal, pois ainda são desejados e solicitados a participarem nas maiores manifestações e festivais dos outros países (Espanha, França, Inglaterra, Brasil, e outros)». 4-«A Itália também teve já a oportunidade de apreciar em várias manifestações folclóricas internacionais a actuação, sempre viva e colorida, dos ranchos folclóricos portugueses».

Realmente, alguns dos melhores grupos folclóricos, animados da fama atingida, e senhores da responsabilidade alta da sua função cultural, tem ido a terras estrangeiras exibir o património da tradição etnográfica em Portugal. Trajes, danças, cantares, e, sobre tudo isto, a expressão viva da alma nacional, são as credenciais que os ranchos categorizados levam além fronteiras em embaixada espiritual, festiva e característica de valores artísticos e de dignidade expressiva.

Tais embaixadas, exibidas em apresentações públicas nos outros ambientes folclóricos, em povos diferentes, têm um alcance de contactos e aproximações internacionais, que levou tempo a compreender. Hoje, porém, constitui elemento de extraordinária e quase insensível penetração entre povos, mais vizinhos ou mais afastados. É uma «diplomacia folclórica», inesperada, que os Alemães foram os primeiros a tentar, desde as aproximações internas às presenças externas, e em escalões sociais, do nível popular às juventudes uni-

versitárias. O exemplo foi seguido.

Nas exigências actuais de procurado equilíbrio entre as nações, a caminho de uma paz baseada na mútua compreensão, as embaixadas folclóricas, quando legítimas representantes e dignas executantes do folclore da sua terra, oferecem colaboração, que não se reduz a valores complementares de entendimentos políticos. Estes, tentados ou realizados pelos diplomatas credenciados, operam por cima, isto é, nos dirigentes; enquanto as «embaixadas folclóricas» operam em baixo, nas grandes massas populares, e, de baixo para cima, nas classes de cultura superior e de responsabilidades activas, formando, todavia, aquelas a base fundamental da aproximação construtiva.

Devemos considerar que os grupos ou ranchos folclóricos, dignos da sua representação regional e nacional, se revestem grande importância dentro de Portugal, metropolitano e ultramarino, bem como no Brasil, onde são elementos de circulação e coordenação de lusitanidade, alcançam-na ainda maior se contribuírem para estreitar e até criar relações amigas, de compreensão e estreitamento espiritual. De facto, eles percorrem Portugal europeu, têm ido ao Portugal de além-mar e ao Brasil. Comparecem nos festivais internacionais, onde, como se vê pelo telegrama de Itália, confirmam o bom nome criado. Diplomacia! E da melhor.

Luciano Xavier dos Santos (1734-1808), natural de Lisboa, foi contemporâneo de Sousa Carvalho e, como ele, um notabilíssimo compositor.

Frequentou a Escola de Música Religiosa que D. João V estabeleceu em Ribamar, seguindo principalmente os ensinamentos de D. João Jorge. Em 20 de Maio de 1756 entra Xavier dos Santos para a Irmandade de Santa Cecília; no mesmo ano passa a pertencer à Capela Real da Bemposta, onde se conservou por toda a vida artística, tendo atingido as categorias de Mestre e Primeiro Organista.

Como compositor, dedicou-se especialmente à ópera, à oratória e à serenata, tendo composto numerosas peças destes géneros musicais, que se representaram e cantaram frequentemente no Palácio Real de Queluz.

A sua arte revela sólidos conhecimentos e caracteriza-se por grande equilíbrio formal, riqueza harmónica e por uma lírica e bela expressividade que ressalta, sobretudo, nos andamentos lentos. De notar também o cuidado das orquestrações; de facto Xavier dos Santos possuía uma paleta de coloridos orquestrais muito variada, com hábil e proficiente aproveitamento de todos os recursos sonoros previstos pela sua época.

Não sendo uma figura tão marcante como, por exemplo, Duarte Lobo, Carlos Seixas, ou mesmo Sousa Carvalho, Xavier dos Santos é, porém, um nome a fixar entre a valorosa pleiade de artistas do nosso passado musical.

Música A Arábia Saudita, país de insólitos contrastes

Por WILBUR G. LANDREY

(Da United Press Internacional) — (Exclusivo da ANI em Portugal)

Dezoito meses de austeridade restauraram a economia da Arábia Saudita, que possuía menos de 100 dólares em caixa antes da campanha reabilitadora.

Anwar Ali, o funcionário paquistanês do Fundo Monetário Internacional, que hoje chefia o organismo financeiro saudita, classifica de fenomenal esta recuperação.

Apesar de um rendimento mensal de cerca de 30 milhões de dólares, proveniente das taxas de exploração do petróleo, o país gastava mais do que recebia e aproximava-se da bancarrota. A última gota de água que fez transbordar a taça foi a acusação formulada pela Síria de que o Rei Saud estava implicado numa conjura para o assassinio, mediante a paga de alguns milhões, do Presidente da República Árabe Unida, Nasser.

Um poderoso grupo de Príncipes Reais reuniu-se em Março de 1958 e persuadiu o Rei — ou exerceu sobre ele pressão — para que conferisse plenos poderes a seu irmão, o Príncipe Real Faiçal, como Chefe do Governo. Faiçal, que acumula vários cargos com o de Ministro dos Negócios Estrangeiros, é o homem a quem o reino deve a sua restauração. Não vacilou em aplicar medidas severas no sentido de melhorar a economia nacional.

Sob o seu programa de austeridade, suspendeu-se a construção de Palácios e reduziram-se as mensalidades de oitocentos Príncipes e Princesas e antigas Rainhas que vivem do Tesouro Régio.

Ainda se vêem automóveis de luxo, mas o único modelo de 1959 que vi em Jidá, o mais importante porto saudita do Mar Vermelho, pertencia ao embaixador dos Estados Unidos.

Faiçal impôs uma moratória sobre as dívidas do Estado, limitou as importações ao mínimo indispensável e proibiu a importação de carros durante um ano. Impostos aduaneiros elevados, decretados posteriormente, tornaram proibitiva a compra de modelos dispendiosos. Os especuladores, habituados a ganhar cem por cento e até mil por cento, entraram na ordem com o novo programa

O resultado é impressionante. Faiçal afirma que o reino vive agora das suas possibilidades. O custo da vida desceu 15 a 25 por cento e as reservas cambiais subiram de 14 a 17 por cento da circulação fiduciária.

Apesar da baixa mundial dos preços do petróleo, o Estado saudita está a amortizar as suas dívidas e os homens de negócios mostram-se mais confiantes. Embora, por outro lado, os funcionários e os negociantes sauditas admitam queo alojamento e a corru-

pção continuam no país, a Arábia Saudita possui provas que atestam em despendeu o dinheiro. Este não é, porém, um reino de palácios e automóveis de luxo, apenas. O progresso alcançado noutros domínios é surpreendente.

Nos últimos dez anos, em especial no último quinquénio, a Arábia Saudita passou do camelo para o avião a jacto. Ao preço de cerca de 126 milhões de dólares, Riade transformou-se — de aglomeração de cabanas de barro passou a ser uma capital moderna, um dos principais monumentos do reinado de Saud. Foram construídas as primeiras estradas macadamizadas e milhares de escolas e de hospitais erigiram-se em todo o país.

A próxima etapa refere-se ao desenvolvimento económico, já bastante adiantado nos Estados árabes mais progressivos. Foi constituída uma comissão de fomento, que deve apresentar os seus primeiros planos dentro de um ano.

Longo foi o caminho já trilhado pela Arábia Saudita. Mas os dirigentes sauditas sabem que ainda têm muito que andar. Declara um dos conselheiros régios: «Destavez, seremos mais cautelosos com os gastos e Sua Majestade pensa que é capaz de alcançar o nível dos outros países dentro de um prazo menor do que muitos julgam».

— ANI.

O Condestável

D. Nun'Álvares Pereira

(Conclusão da primeira página)

ritório à beira Atlântico, exercessem o seu maléfico poder em prejuízo dos direitos e das régalias conquistadas, pela força das armas, pela lusa gente.

Só ao termo de cinquenta e um anos de prodigiosa existência, o grande Condestável terminou a sua poderosa acção em benefício da Pátria, recolhendo, com religiosa unção, ao formoso mosteiro do Carmo, que tempos antes fundara.

Estava indestrutivelmente assegurada a independência nacional.

Herói e Santo, a Nun'Álvares Pereira é a nossa Pátria devedora da mais profunda gratidão e do maior respeito pela pureza da sua vida e pela sua sublime acção, em defesa da integridade do Estado Português.

P. G.

Trespasa-se

CASA DE VINHOS E COMIDAS, com habitação e adega. Trata-se na Rua Almirante Reis, n.º 76 — Telef. 030134 — Montijo.

David Giraldo

Siga o bom conselho



TRATE COM

COSAN

enxofre molhável

Fabricado pela RIEDEL de Haën-Alemanha

EFICAZ - PRÁTICO - ECONÓMICO

À venda: nos Grémios da Lavoura e casas da especialidade

Representantes exclusivos:

SOCIEDADE PERMUTADORA

(S. A. R. L.)

LISBOA **PORTO**

Av. da Liberdade, 190 Rua da Boavista, 44

Srs. Automobilistas e Garagistas

Quereis as válvulas do vosso carro, rectificadas com precisão?

Dirijam-se a Silva & Parrinha, que têm máquina própria para esse efeito.

R. José Joaquim Marques, 6 - Telef. 039397 - Montijo.

Trespasa-se

CASA DE VINHOS E COMIDAS, com habitação e adega. Trata-se na Rua Almirante Reis, n.º 76, Telef. 030134 — Montijo

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 horas
Rua Bulhão Pato, 14-1.º
Telef. 030 2 45 - MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes
às 9 horas, todos os dias, excepto às
sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 horas.
Telef. 030 2 56 - MONTIJO

Dr. A. Gonçalves de Azevedo

Médico-Especialista

Boca e Dentes - Prótese

Consultas às 3.ªs, 5.ªs e Sábados:
das 14 às 17,30 e das 19,30 às
21,30 h. - 2.ªs feiras, das 14 às
21,30 h.

R. Almirante Reis, 134 - MONTIJO

Instituto Policlínico Montijense

Rua Bulhão Pato, 18

Consulta de Ouvidos, Nariz e
Garganta

Dr. Emílio Alves Valadares

Todos os sábados, às 9 horas

Análises Clínicas

Dr.ª Maria Manuela Quintanilha

Todos os dias, às 10,30

Consultas de Ginecologia

Dr. Elísio Morgado

Quintas-feiras, às 14 horas

Consulta de Oftalmologia

Dr.ª Isabel Gomes Pires

3.ªs e 6.ªs feiras, às 16 horas

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça

Av. Luís de Camões - MONTIJO
Telefs. 030 5 02 - 030 4 65 - 030 0 12

Parteiras

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira
PARTO SEM DOR

Ex-Etágia das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.

De dia - Rua Almirante Reis, 72
Telef. 030 0 38

De noite - Rua Machado Santos, 28
MONTIJO

Augusta Marques Charneira

Parteira - Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de Medi-
cina de Coimbra

R. José Joaquim Marques, 231
Telef. 030 5 56 - MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030 0 46

Serviços Médicos Sociais, 030 1 98

Bombeiros, 030 0 48

Táxis, 030 0 25 e 030 4 79

Ponte dos Vapores, 030 4 25

Polícia, 030 1 44

G. N. R., 030 0 01

MONTIJO

Homenagem ao sr. Presidente da Câmara Municipal de Montijo

Por motivo de terminar em breve o seu mandato e em reconhecimento aos altos serviços prestados à sua terra natal, durante os anos em que presidiu ao município montijense, vai o sr. José da Silva Leite receber no próximo dia 27 do corrente, uma grande manifestação de homenagem de todo o nosso concelho.

Digna-se a assistir S. Ex.ª o sr. Governador Civil do Distrito e muitas outras individualidades distritais estarão igualmente presentes.

Integrado nas homenagens a prestar, terá lugar no Café Portugal, desta vila, um grande almoço, para o qual se encontram já abertas as inscrições no referido Café, na Pastelaria Mimosa e na Casa Viúva & Filhos de Román Sanchez.

Ao que nos informam os promotores, tudo se prepara para que esta justa homenagem tenha o relevo e projecção que merece.

Na verdade, ao deixar o



município, por terminar o período da seu mandato, o sr. José da Silva Leite deixa atrás de si uma obra grande que não pode ser negada e Montijo vai render os seus melhores agradecimentos ao ilustre cidadão, no dia 27 deste mês.

A MARPAL, L.ª, inaugurou a sua representação exclusiva, para o distrito de Setúbal, dos automóveis SIMCA

No dia 15 do corrente deslocaram-se a Montijo altas individualidades do meio comercial lisboeta, para assistirem à inauguração de uma importante actividade na firma MARPAL, LDA.: a do comércio de automóveis, pois acaba de ser nomeada Concessionária Exclusiva, para o Distrito de Setúbal, dos famosos automóveis «SIMCA».

Para isso, deslocaram-se a esta vila os srs. Henry Gueydon, administrador da «Simca Portuguesa»; Pinto Soares, director comercial, e Jacques d'Hennezel, inspector de vendas, que numa pequena festa e aos brindes, usaram da palavra, congratulados pela nomeação dada e esperando que a «Marpal» pudesse, num futuro próximo, dar à «Simca Portuguesa» a satisfação do carro ocupar o lugar a que

tem direito em vendas, no Distrito.

Também usou da palavra o sr. Pinto Soares, contando com a colaboração eficiente que já é hábito na Marpal.

Para agradecer a presença dos ilustres visitantes, falou o sr. Dr. José Rodrigues Pablo, que brindou pelo êxito da actividade agora encetada.

O sr. Dr. Soares, conselheiro jurídico da empresa, enalteceu as qualidades de carácter e de trabalho do sr. Dr. Pablo, contando com o êxito do ramo iniciado.

Por fim, usou da palavra o sócio sr. Mário Nunes, limitando-se a dizer que, para o êxito da nova secção da MARPAL contava com a colaboração dos novos na organização e a do seu dedicado sócio-gerente sr. Manuel Grade.

CICLISMO

Com a devida vénia e por motivo de ausência do nosso redactor desportivo, designado para acompanhar a prova ciclista efectuada em Setúbal, no domingo 13 do mês corrente, transcrevemos do nosso prezado colega «O SETUBALENSE» a sua crónica respeitante a esse acontecimento desportivo, no qual tomaram parte alguns representantes de Montijo:

«Apesar das dificuldades que a prova realizada ofereceu, sendo disputada em todo o percurso com chuva contínua e vento forte, os jovens ciclistas lutaram com vontade para o êxito das suas equipas, percorrendo os 50 quilómetros em uma hora e trinta minutos.

O Comércio e Indústria, que como já dissemos voltou ao ciclismo com um punhado de esperanças e confiado no saber de Diamantino Cordeiro, Francisco Neves e Francisco Martins, foi o grande triunfador da jornada, alcançando os três primeiros lugares da prova, aquelas posições que o colocam no domingo a par dos representantes dos outros concelhos do distrito.

Participaram, ainda, na competição, três ciclistas do Montijo, em representação do CLUBE DESPORTIVO DE MONTIJO, que, devidamente credenciados pelo seu Município, que lhes concedeu todas as facilidades, inclusive a cedência de um carro que lhes serviu para transporte, deram à prova desusada animação.

A partida dos corredores foi dada pelo sr. José de Almeida, figura antiga do ciclismo setubalense, que, no momento, pronunciou algumas palavras de simpatia.

Seguindo em pelotão até Miraventos, os ciclistas José Lourenço, Rogério de Almeida, Pedro da Luz e António Romão distanciaram-se, passando nos diversos pontos de percurso sempre na vanguarda da caravana e cortando a meta, em andamento veloz, pela seguinte ordem: José Lourenço (C. I.), Rogério de Almeida (C. I.), Pedro da Luz (C. I.), Casimiro Maia (A. S.), José Varela (A. S.), Manuel Grosso (C. I.), Manuel Neves (C. I.), Vítor Girante (C. I.), José Rocha (A. S.) e Hélio Andorinha (C. I.).

Os corredores montijenses classificaram-se, pela seguinte ordem: António Romão, Manuel Marques da Silva e José Tavares Felgueiras.

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

No passado domingo, a equipa representativa do Clube Desportivo de Montijo deslocou-se a Olhão, para ali defrontar o grupo local.

O resultado final de 3-2, favorável aos olhanenses, diz bem quantas foram as dificuldades experimentadas pela turma algarvia frente aos nossos conterrâneos.

Por não ter sido possível deslocar-se a Olhão qualquer repórter deste jornal, não se faz relato do desafio.

DECLARAÇÃO

A bem da verdade, venho declarar que, tendo sido assaltado na minha residência, no mês de Junho do ano findo, houve pessoas que suspeitaram da minha honestidade, afirmando que havia sido simulado o roubo verificado. E, como o gatuno já se encontra preso e confessou o dito roubo, venho por este meio esclarecer perante essas pessoas mal intencionador que não têm o direito de duvidar da minha honestidade.

Montijo, 14 de Março de 1960.
a) António Maria de Carvalho
(vulgo António Carvoeiro)
Rua Miguel Bombarda, 62—Montijo

Agradecimento

A mãe, irmãos, sobrinhos e cunhados de Manuel Tavares Balisa, vêm agradecer a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada o seu chorado filho, irmão tio e cunhado.

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

MARÇO

Fizeram anos:

-No dia 8, a menina Maria Antonieta Ferreira dos Santos, neta do nosso estimado assinante sr. Guilherme dos Santos.

-No dia 9, a sr.ª D. Adoração Ramos Dias Quinteiro, esposa do nosso estimado assinante e amigo em Vila Franca de Xira sr. Américo Quinteiro.

-No dia 9, o sr. Guilhermino dos Santos, nosso prezado assinante.

-No dia 10, a menina Maria Teresa Repas, gentil filhinha do sr. António Jesus Repas, funcionário dos C. T. T., em Montijo.

-Em igual dia, o nosso estimado redactor sr. Amândio José Correia de Carvalho.

-No mesmo dia, completou 27 anos a sr.ª D. Avelina Dias Graís Outeiro, filha do nosso estimado assinante sr. Edmundo Duarte Graís.

-No dia 11, completou 52 anos o nosso dedicado assinante sr. Edmundo Duarte Graís.

-Em igual data, o sr. Luciano Bento, nosso dedicado assinante no Pocerão.

-Ainda no mesmo dia, perfeitamente dois anos a menina Georgina Maria Patego Barreto, filhinha do nosso prezado assinante sr. Mário Luís Barreto, do Afonsoeiro.

-No dia 12, completou três anos a menina Clélia dos Santos Miguel, filhinha do nosso estimado assinante sr. José Caetano Miguel, do Pocerão.

-No dia 13, perfeitamente 47 anos a sr.ª D. Lucília Maria, esposa do nosso estimado assinante sr. Miguel Pereira, da Baixa da Banheira.

-No mesmo dia, o sr. António Hermínio Bastos Ferreira, filho do nosso estimado assinante sr. António Ferreira Sapateiro.

-No dia 14, completou 7 anos o menino António Francisco Ferreira Miguéns, neto do nosso estimado assinante sr. António Ferreira Moleiro, de Pegões.

-No dia 15, completou 32 anos o nosso estimado assinante sr. Manuel Vitoriano Neto, da Baixa da Banheira

A todos os aniversariantes e suas famílias, apresentamos as nossas felicitações.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

MARÇO

6.ª feira, 18 - DIOGO

Telef. 030 0 32

Sábado, 19 - GIRALDES

Telef. 030 0 08

Domingo, 20 - MONTEPIO

Telef. 030 0 35

2.ª feira, 21 - MODERNA

Telef. 030 1 56

3.ª feira, 22 - HIGIENE

Telef. 030 0 70

4.ª feira, 23 - DIOGO

Telef. 030 0 32

5.ª feira, 24 - GIRALDES

Telef. 030 0 08

Boletim Religioso

Vida Católica

Horário das missas

MARÇO

5.ª feira, 24 - às 8,30 e 9 h.

6.ª feira, 25 - às 8,30 e 9 h.

Sábado, 26 - às 8,30 e 9 h.

Domingo, 27 - Na Igreja da Misericórdia, às 8 h.; na Capela do Afonsoeiro, às 9 h.; na Igreja Paroquial do Samouco, às 9 h.; na Igreja Paroquial de Montijo, às 10, 11,30 e 18 h.; no Santuário da Atalaia, às 10,30 h.; e, no Alto Estanqueiro, às 16 h.

Senhor Lavrador!

Defenda os seus batatais do «mildium», empregando «COBOX», um produto originário da conceituada marca alemã:

Badische Anilin - Soda - Fabrik A. G.
Ludwigschafen a Rhein (Alemanha Ocidental)

Único revendedor no Concelho de Montijo:

Manuel dos Santos Taneco

Telef. P. B. X. - 030164

MONTIJO

Desportos

A apresentação em Lisboa da simpática equipa da União Desportiva Oliveirense, para um jogo da Taça de Portugal contra o Sport Lisboa e Benfica, revestiu-se de um aspecto inédito que interessa referir. Quando entrou em campo, a turma forasteira transportava duas bandeiras. Uma era a do clube visitado, e significava o acto—uma homenagem habitual. A outra era a bandeira nacional. Porquê?—se se tratava de dois grupos portugueses a disputar uma prova interna? Apenas uma explicação: sublinhar, em público, que as equipas intervenientes, a Oliveirense e o Benfica, são constituídos, totalmente, por jogadores portugueses.

Compreende-se e justifica-se o orgulho de uma agremiação desportiva em contar nas suas fileiras só atletas portugueses. Nestes dias de desenfadada correria ao mercado futebolístico internacional, com aspectos desagradáveis, tanto no campo desportivo—o que já suscitou uma nota do Director-Geral dos Desportos—como no económico—as dificuldades financeiras de certos clubes estão à vista—merecem aplausos as agremiações que apenas utilizam jogadores portugueses. Mas não devemos ir mais longe.

Parece estar a desenhar-se—e o caso pertinente é um dos aspectos—uma divisão particular entre portugueses. De uma banda os que são pelo recurso ao jogador estrangeiro; da outra os que não o admitem. O diálogo entre estes dois grupos, embora não contribua para uma conclusão unânime—cada um tem as suas razões muito respeitáveis—servirá para esclarecer certas dúvidas, conduzirá, certamente, a soluções mais consentâneas com o nosso meio e imporá o necessário bom senso nas aquisições. Mas colocar as coisas num plano irredutível—ser ou não pela «compra» de estrangeiros, logo não é ou é português—não levará a qualquer via útil.

É de um espectáculo que se trata, e de um espectáculo que, mercê do franco profissionalismo por que se enveredou, envolve capitais con-

sideráveis e arrasta multidões ávidas de vitórias. É um mal estabelecido. Esse mal enraizou-se, profundamente, nas duas facções. São, aí, em tudo iguais, sem qualquer espécie de divergência. Diferem, apenas, na aceitação da origem dos «motores» da vitória.

Evidente é, pois, que o caso não envolve, nem de longe nem de perto, noções de patriotismo. Não se deve, portanto, misturar coisas não miscíveis—e aos responsáveis impõe-se evitar criar nas massas de adeptos confusões de sentimentos.

Combata-se, ou não, o emprego de estrangeiros nas

nossas equipas de futebol—mas não se pretenda dar lições de patriotismo a quem não as pediu ou delas não precisa.

A presença da bandeira nacional no formoso estádio da Luz, conduzida por atletas de um clube português, num prélio entre clubes portugueses, é um absurdo de todo o tamanho. O contrário levar-nos-ia a concluir que não são portugueses todos os clubes que disputam provas nacionais—o que não é verdadeiro.

E se não metessemos a bandeira nacional nestas tricas clubistas? Não seria melhor?

A Planificadora de Construção e de Representações Moitense, L.^{da}

Para os devidos efeitos se anuncia que por escritura de 17 de Dezembro de 1957, a fls. 52 e seguintes, do Lv.º N.º 242 das Notas do Cartório Notarial da Moita, entre António Carvalho, João Tadeu de Almeida e António da Costa Santos J.^{or}, foi constituída uma sociedade comercial, nos termos dos artigos seguintes:

Art.º 1.º

A sociedade adopta a denominação de «A PLANIFICADORA DE CONSTRUÇÃO E DE REPRESENTAÇÕES MOITENSE, Lda.», e fica com a sua sede nesta vila, em local ainda a determinar.

Art.º 2.º

O seu objecto é o exercício do comércio de materiais de construção e representações de materiais inerentes à construção, podendo ser explorado qualquer outro ramo que os sócios entre si resolvam explorar, excepto o bancário.

Art.º 3.º

A sociedade é constituída por tempo indeterminado, contando-se o seu início em 1 de Janeiro próximo futuro.

Art.º 4.º

O capital social é de 10.500\$00, igual à soma das cotas dos três sócios, de 3.500\$00 cada uma.

§ único:—Este capital encontra-se inteiramente realizado em dinheiro, que deu entrada na caixa social.

Art.º 5.º

Não haverá prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer à Caixa os suprimentos de que ela carecer, mediante o juro que for estipulado em reunião dos sócios e constante da respectiva acta.

Art.º 6.º

A cessão de cotas a estranhos fica dependente do consentimento da

sociedade, que tem o direito de preferência.

§ 1.º:—O sócio que quiser ceder a sua cota, assim o comunicará à sociedade e não querendo ela preferir ou não o declarando no prazo de 30 dias, este direito pertencerá a qualquer dos sócios.

§ 2.º:—Da comunicação devem constar o nome do adquirente e o preço da cessão.

Art.º 7.º

A sociedade será representada activa e passivamente, em juízo e fora dele, por todos os sócios, desde já nomeados gerentes, sem remuneração e com dispensa de caução.

Art.º 8.º

Para que a sociedade fique obrigada será sempre necessária a assinatura de 2 dos gerentes.

§ único:—Os actos de mero expediente poderão ser assinados por 1 só dos gerentes.

Art.º 9.º

Nenhum dos sócios poderá usar da denominação social, em letras de favor, fianças, avais ou qualquer outra responsabilidade, que possa, directa ou indirectamente, afectar os interesses sociais.

Art.º 10.º

No caso de falecimento ou interdição de um dos sócios, a sociedade poderá amortizar a sua cota, pagando-a pelo preço que se apurar por um balanço que determinará a cota, os suprimentos que constarem da respectiva conta, e a percentagem de ganhos correspondente ao tempo decorrido desde o último balanço até à data do falecimento ou interdição, percentagem que será a mesma que se tiver atribuído no ano anterior.

§ único:—O pagamento aos herdeiros do sócio falecido ou ao representante legal do interdito, será feito em 4 prestações trimestrais,

SUPERPRODUÇÃO DE PETRÓLEO

O petróleo do Sara começa a invadir a Europa. E já se anunciam novas explorações na Líbia—ou seja no litoral.

Assim, a Europa, enquanto a expansão não chega a todo o mundo, transforma-se no teatro de uma concorrência frenética para o consumo do combustível líquido. Sim, porque entretanto uma nova personagem entra em cena— a Rússia, de que se anunciam os primeiros fornecimentos de petróleo a Praga.

Pouco a pouco, assiste-se à penetração dos petróleos russos na Europa Oriental, dos petróleos do Próximo e Médio Oriente na Itália, na Suíça, no sul da Alemanha, do petróleo francês, que da França sobe para a Renânia e para a Bélgica, e do norte-americano, que tem que se contentar com a parte setentrional da Europa.

Basta observar as cotações da Bolsa relativas aos títulos das sociedades petrolíferas para nos apercebermos de que o ramo estacionou. Já

vencendo o juro anual de 4%, reservando-se a sociedade o direito de antecipar a totalidade dos pagamentos.

Art.º 11.º

A sociedade não se dissolverá pelo falecimento ou interdição de qualquer sócio nem pela vontade de um só deles.

Art.º 12.º

O sócio que quiser sair da sociedade dar-lhe-á conhecimento por escrito da sua resolução com a antecedência mínima de 90 dias e de modo a que a saída tenha lugar no fim do ano social.

§ único:—Neste caso a amortização será feita nos termos indicados para o falecimento ou interdição, no prazo de um ano, a contar da saída, em 4 prestações iguais, trimestrais, representadas por 4 letras do aceite da sociedade.

Art.º 13.º

O ano social é o ano civil e os balanços anuais deverão estar concluídos até ao último dia de Fevereiro de cada ano, com referência a 31 de Dezembro imediatamente anterior.

Art.º 14.º

Os lucros sociais, depois de deduzida a percentagem legal para fundo de reserva ou quaisquer outras percentagens que a sociedade entender, serão repartidos entre os sócios na proporção das suas cotas, a mesma proporção se aplicando às perdas.

§ único:—Durante os primeiros 5 anos de exercício, 50% dos lucros constituirão um fundo de reserva especial para fomento dos negócios sociais.

Art.º 15.º

Qualquer dos sócios que se encontrar ausente e sempre que um assunto a resolver não possa esperar pelo seu regresso, enviará o seu parecer que poderá ser dado por carta escrita e assinada pelo seu punho, carta essa que fica fazendo parte integrante da acta e será nela transcrita.

Art.º 16.º

Dissolvida a sociedade por acordo dos sócios, todos eles serão liquidatários e procederão à liquidação e partilha, nos termos em que acordarem.

Art.º 17.º

Em tudo o mais será este contrato regulado pela legislação aplicável, determinadamente a Lei de Abril de 1901.

Está conforme. Moita, 22 de Fevereiro de 1958.

A ajudante do Cartório Notarial da Moita
Maria Luísa Reimão Casenave

nenhum título sobe mais. Em contrapartida, os investimentos mostram tendência em diminuir. Não há muito, uma exploração não requereria mais do que cinco ou seis anos para amortizar os enormes financiamentos de que necessita uma empresa do género. Hoje, é preciso muito mais tempo para se alcançar o mesmo resultado e ninguém pode prever o futuro. As receitas anuais do petróleo do Sara ascenderam, no ano passado, a um bilião e quatrocentos milhões de francos pesados. Os investimentos chegam, porém, a 2 biliões e 600 milhões de francos pesados, pelo menos. Calcule-se o lucro e ter-se-á uma ideia da taxa de amortização.

No entanto, a situação torna-se ainda mais séria para os Estados Unidos, país para o qual o petróleo constitui sempre o produto fundamental de exportação. Até o presente, as companhias norte-americanas exploravam os recursos do Próximo e Médio Oriente, o que saía menos dispendioso do que explorar os do país. Actualmente, em vista da concorrência, começa a haver restrições. Por este motivo, os Estados Unidos decidiram dar preferência ao petróleo nacional.

O Próximo e Médio Oriente, por seu turno, principiam a sofrer da superprodução. As receitas do Canal de Suez provam que a passagem dos petroleiros acusa notável decréscimo. O Iraque, a Síria, o Golfo Pérsico sofrem os efeitos desse estado de coisas, o que pode traduzir-se no declínio, a menor ou maior prazo, do poderio político desses Estados.

Ao mesmo tempo, esboça-se a possibilidade da exploração da energia atómica. Prognosticou-se que antes de vinte ou trinta dias não seria praticável a sua exploração comercial. Contudo, há que contar com o fenómeno da aceleração, de maneira que se pode prever agora que dentro de dez anos a energia atómica passará a fazer concorrência séria aos combustíveis líquidos.

Então, pouco a pouco, o petróleo tomará o caminho anteriormente tomado pelo carvão, o que equivale a prever a perda da sua hegemonia e o declínio de certos países que construíram a sua indústria sobre um combustível para sempre antiquado e ultrapassado.

Vendem - se

Seis camionetas de estreme de estiva, preço em conta. Trata Joaquim Carreira—Apeadeiro de Sarilhos—MONTIJO.

Trespasa-se

CASA DE BICICLETAS. Única no lugar e com grande clientela. Resposta a esta redacção.

Compra-se

PRÉDIO
Informa-se nesta Redacção.



SIMCA

O carro dos 14 RECORDES MUNDIAIS!

MÁXIMA SEGURANÇA NA ESTRADA

Peça uma demonstração aos concessionários no distrito de Setúbal

MARPAL, LDA.

Rua José Joaquim Marques, 150 - Telef. 030545 - MONTIJO

NOTÍCIAS DIVERSAS



do Minho ao Guadiana



(Da ANI)

— O sonho acalentado há mais de 80 anos — desde que, em 1876, o engenheiro Miguel Pais lançou a ideia de ligar as duas margens do Tejo, em Lisboa — começou agora a concretizar-se com a construção da ponte entre Lisboa e Almada.

Aberto o concurso pelo Ministério das Obras Públicas, para adjudicação da obra de construção e de exploração da ponte, apresentaram propostas três importantes agrupamentos de empresas europeias e norte-americanas e uma firma portuguesa.

A obra é orçamentada em 1 milhão 300 mil contos, só para trânsito rodoviário.

Das propostas recebidas, todas acompanhadas por elementos de cálculo, desenhos, fotografias e maquetas, verificou-se que três dos concorrentes apresentaram soluções de pontes suspensas do tipo convencional, embora com grandes inovações técnicas.

— É praticamente impossível estabelecer a lista completa das vítimas portuguesas dos sismos de 29 de Fevereiro, que riscaram Agadir da face da terra — declarou o enviado especial ANI, Artur Pedro Gil, que em Casablanca entrevistou alguns dos sobreviventes portugueses.

No Algarve, de onde era natural a maioria dos portugueses residentes na cidade de Agadir, reina grande ansiedade, aglomerando-se o povo junto aos aparelhos de rádio e disputando os jornais, na esperança de colher informações sobre os nomes das vítimas.

— Os alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro associaram-se às comemorações dos 157 anos do Colégio Militar de Lisboa, tendo juntamente com os portugueses, desfilando pela Avenida da Liberdade e ruas da Baixa. Foram uns e outros muito aclamados pelo povo. Assistiram, também, a uma missa, que se realizou nas ruínas da igreja de S. Domingos

— Numa proposta de lei apresentada à Assembleia Nacional, pelo Presidente do Conselho, propõe-se a construção de 6.300 quilómetros de novas estradas e caminhos nas zonas rurais do país, prevendo-se também a reparação de 5.900 quilómetros de outras vias de comunicação rodoviária, já existentes. O cálculo dos encargos do plano de viação ascende a 2.520.000 contos.

— Grandes chuvas que caíram sobre a cidade de Luanda, provocaram a morte de uma criança e elevados prejuízos materiais. Grande parte de Luanda ficou inundada nas zonas de menor declive, havendo edifícios bloqueados pelas águas. Num dos mancebos morreu uma criança de três anos, afogada numa lagoa produzida pelas águas da chuva.

— A visita do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, é aguardada com ansiedade pelo povo, que está a organizar manifestações em honra do legado pontifício, às cerimónias da inauguração de Brasília, como nova capital do Brasil. Quando regressar de Brasília, o Cardeal Patriarca deverá ser recebido no Paço arquiépiscopal do Rio de Janeiro.

— Fundada recentemente no Rio de Janeiro, a União Portuguesa de Estudantes do Brasil realizou na sede da União Metropolitana de Estudantes a sua primeira Assembleia Geral, para a eleição da direcção e aprovação dos estudos respectivos. A União Portuguesa de Estudantes deverá funcionar, primeiramente, junto da Embaixada portuguesa, a exemplo do que ocorre com alguns países, até ser criada, em futuro próximo, a Casa dos Estudantes Portugueses.

— Encerrada desde 1910, reabriu ao culto a igreja da Misericórdia de Alcobaça.

Um benemérito alcobacense tomou o seu cargo o restaurou do templo. Para celebrar a reabertura da igreja, o Bispo de Febrina, D. Anónio de Campos, prelado auxiliar do Patriarcado, celebrou missa de festa, seguindo-se um bodo aos pobres.

— Organizado pelas senhoras da Conferência do Sagrado Coração de Jesus, de Beja, realizou-se na cidade

Moita do Ribatejo

Sociedade Filarmónica Capricho Moitense. — Comemorando esta Colectividade no mês de Maio p. f. o 32.º Aniversário da sua Fundação, organizou, com o honroso patrocínio do Secretariado Nacional da Informação, da Câmara Municipal da Moita e da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, os «Jogos Florais da Sociedade Filarmónica Capricho Moitense», que se regem pelo seguinte Regulamento:

A) — Serão admitidos apenas trabalhos em poesia e prosa.

B) — Cada trabalho deve ser dactilografado a dois espaços, em triplicado e enviado pelo Correio ou entregue em mãos, na Sede da Sociedade Capricho, Avenida Teófilo Braga, na Moita do Ribatejo.

C) — Em prosa é admitido o género Conto ou Novela. Cada trabalho de qualquer das duas modalidades nunca excederá 5 páginas de papel de máquina a 2 espaços.

D) — Em poesia são admitidos os trabalhos seguintes:

- a) — Soneto.
- b) — Quadra Popular.
- c) — Poesia obrigada a mote.

E) — O mote para a última modalidade é o seguinte:

*Ó Moita do Ribatejo,
Ninho de Paz e Trabalho!
Quando a «Capricho» festejo,
Em versos teu nome espalho!*

Este trabalho nunca excederá duas páginas dactilografadas a 2 espaços.

F) — Cada concorrente pode enviar um ou vários trabalhos de cada modalidade.

G) — Os trabalhos serão subscritos com um pseudónimo. Por cada concorrente, deverá acompanhar os trabalhos enviados um envelope lacrado, que leve por fora o pseudónimo e dentro o nome, morada e a profissão do concorrente.

H) — Serão instituídos 3 Prémios para cada modalidade.

I) — Os trabalhos devem dar entrada na sede da Sociedade Capricho até às 0 horas do dia 30 de Abril do ano corrente, após o que serão apreciados e classificados por um júri idóneo da confiança da Sociedade. Os trabalhos não serão devolvidos e ficarão pertença da Sociedade, que se reserva o direito de os publicar quando o tiver por conveniente.

J) — Haverá uma sessão solene no dia 22 de Maio, para leitura das produções premiadas e entrega dos prémios aos concorrentes vencedores, integrada no ciclo das festas comemorativas do XXXII Aniversário da Sociedade Capricho.

A realização dos Jogos Florais terá a colaboração da Arcádia da Fonte do Anjo, de Setúbal.

E.

o peditório do Farrapeiro de S. Vicente de Paulo. Além de géneros alimentícios e roupas, juntou em dinheiro cerca de sete contos, que revertem a favor dos protegidos da Conferência.

— Foi celebrado, em Macau, o primeiro centenário da fundação da Sociedade Salesiana.

A comemoração, promovida pelo Colégio de S. João Bosco, consistiu de diversas cerimónias litúrgicas.

— Depois de onze anos de paróquia na Missão Portuguesa de Malaca, regressou a Macau o Padre João Paulo de Sousa que passa a prestar serviço no Seminário Diocesano de S. José.

— Subsídios num total de 366 contos foram atribuídos pelo Ministro da Saúde, dr. Martins de Carvalho, a vários estabelecimentos de assistência do Continente e ilhas Adjacentes.

Vende-se

Carroça, carro de bois e rodas de ferro sobresselentes das mesmas. Motor a gasolina «Balford» 2 C.V. e ligado com correntes de tirar água. Barricas de 100 l e 200 l. Latões grandes e fortes, moinho de vento grande, tira água e tem dois casais pedra de moagem. Prensa para torresmos, etc. Informa nesta Redacção.

Ecos de Setúbal

— Comemorou no passado dia 10 o 12.º aniversário da sua fundação, o Clube de Ténis de Setúbal, cujos actuais dirigentes felicitamos.

— Realizou-se no passado domingo, 13, o mercado mensal de Pinhal Novo, que teve vasta concorrência.

— Decorreu animado e concorridíssimo o passeio à Troia, no dia 4 de Fevereiro findo, promovido pela Sociedade Musical Capricho Setubalense, a fim de admirar as giestas em flor. O belo dia que se fez sentir muito contribuiu para o bom êxito deste passeio, que agradou em absoluto.

O conjunto musical desta Sociedade executou alguns números do seu vasto repertório em recinto improvisado, tendo-se dançado animadamente.

Estão de parabéns, portanto, os dirigentes da velha Capricho, pela sua valiosa iniciativa.

C.

Cova da Piedade

Sociedade Cooperativa Piedense. — Esta prestante colectividade, que foi fundada em 4 de Março de 1893, está realizando as festas comemorativas do seu 67.º aniversário de fundação, as quais constam do seguinte programa:

6.ª feira, dia 4 do corrente, às 7 horas — Alvorada, pelos Bombeiros Voluntários de Cacilhas, e lançamento de foguetes e morteiros, às 16, Matinée de Cinema, Infantil, às 21,30, Palestra pelo sr. Dr. Piteira Santos sobre «O Cooperativismo e os seus problemas», seguida de filmes culturais, sendo um deles comentado.

Sábado, dia 5, às 21,30 horas: — Exibição do coro musical da Academia de Amadores de Música, dirigido pelo distinto professor sr. Fernando Lopes Graça e um recital de poesia.

Domingo, dia 6: — Apresentação de um filme, de grande metragem, em «matinée» e «soirée».

2.ª feira, dia 7, às 21,30 horas. — Palestra, pelo sr. Fernando de Sá, e nova exibição de um filme de grande metragem.

3.ª feira, dia 8, às 21,30 horas. — Concerto pela Banda da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, regida pelo distinto maestro, filho de Montijo, sr. António Fortunato de Sousa, seguido de uma conferência sobre música pelo sr. José Carlos Picoto.

4.ª feira, dia 9: — Palestra sobre desporto, pelo distinto técnico sr. Otto Glória e exibição de patinagem artística, por duas gentis patinadoras do Clube de Futebol «Os Belenenses»; demonstrações de luta greco-romana, pesos e alteres e jogo de pau, por atletas do Ateneu Comercial de Lisboa.

5.ª feira, dia 10, às 21,30 horas: — Colóquio sobre vários filmes culturais, no qual tomaram parte elementos da Cooperativa do Espectador, e dirigido pelo sr. Ernesto de Sousa, ilustre redactor-chefe da Revista «Imagem».

6.ª feira, dia 11, às 21,30 horas: — Sessão especialmente dedicada à mulher, para apresentação do filme científico francês «Naissance» (Nascimento), baseado no método Psico-Profílató (parto sem dor), do Dr. Pierre Vellay, comentado pelo distinto médico Dr. Pedro Monjardino.

Sábado, dia 12, às 21 horas: — Programa de variedades, em que tomaram parte elementos da Cooperativa Piedense e da Academia Almadense.

Domingo, dia 13, às 16 horas: — Encerramento das festas, com uma sessão solene e presença das entidades oficiais, congéneres e outras colectividades.

«A Província» agradece reconhecidamente o convite recebido para assistir às brilhantes festas da Cooperativa Piedense, à qual apresenta sinceras felicitações pelo seu aniversário, auspiciando-lhe um futuro muito venturoso.

E.

Baixa da Banheira

Enlace matrimonial — Na Igreja Paroquial de Alhos Vedros, foi celebrado no dia 5 de Março último o enlace matrimonial do sr. José Maria Bernardo Pinho, de 28 anos, natural de Vila Nova de Gaia, com a menina Teresa Augusta Cruz Palma, de 20 anos, natural de Salvada (Beja).

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, seu irmão, sr. Manuel Duarte Bernardo e sua esposa, a sr.ª D. Maria Júlia Rosa Roque, e por parte da noiva a sr.ª D. Ismênia de Abreu Malheiro e seu marido, o sr. José Gonçalves Cerqueira, nosso prezado amigo e assinante nesta localidade.

Aos novos cônjuges, que fixaram a sua residência nesta povoação, «A Província» endereça sinceros parabéns e votos de muitas felicidades para o seu lar.

C.

Seixal

A presença do Seixal no V Centenário da Morte do Infante D. Henrique

Assinalando o início das comemorações Henriquinas, o município do Seixal promoveu, na sexta-feira, 4 do corrente, à tarde, no salão nobre dos Paços do Concelho, uma sessão solene, a que assistiram muitas pessoas de todas as condições sociais, destacando-se a presença do elemento oficial.

Presidiu o sr. Manuel Bonaparte Figueira, presidente da edilidade, que iniciou a sessão, com os cumprimentos do estilo, enaltecendo, em seguida, o significado da data e associando o seu concelho ao V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

Terminou o seu breve improviso, apresentando os oradores seguintes.

Depois, falou o sr. José Farto, que dissertou sobre a vida do Infante, estudando, designadamente, a excelente figura do Infante, no triplíce aspecto: O Homem, O Sábio, e o Místico.

Por fim, comparou a obra do Infante, que tanta celeuma provocou na sua época, com a do sr. Presidente do Conselho, no que elas têm de eminentemente Nacional.

O último orador da sessão, foi o sr. Reverendo Manuel Cosme, pároco da freguesia do Seixal, que analisou pormenorizadamente e revelando elementos de vasto conhecimento, a expansão do Cristianismo, motivo principal da Epopeia dos Descobrimientos, que teve no Infante D. Henrique o principal precursor.

Todos os oradores foram muito ovacionados, encerrando a sessão o Presidente da Câmara, que proferiu palavras de agradecimento ao auditório, frisando que a sua comparência, em tão elevado número, simbolizava a presença do Concelho do

C.

Seixal no agradecimento da Nação a um dos seus filhos mais ilustres.

De manhã, todas as povoações da região concelhia se apresentaram festivamente embandeiradas, e, às 15,45 horas, na vila-sede, houve uma salva de vinte e um morteiros.

E.

III SALÃO INTERNACIONAL

de Arte Fotográfica da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca

Integrado no programa das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, terá lugar, de 29 de Outubro a 13 de Novembro do corrente ano, nos salões do Secretariado Nacional da Informação (SNI), o III Salão Internacional de Arte Fotográfica da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca (biennial) — organização do Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação — que constará de provas a preto e branco, provas a cor e transparências a cor, com as secções Artística (tema livre), Marinha e pesca, e Aeronavegação.

Cada concorrente poderá apresentar, em cada secção, o máximo de 4 provas ou 4 transparências dentro dos formatos habituais.

Entre os vários e valiosos prémios a atribuir aos melhores trabalhos, não anteriormente apresentados em Salões realizados em Lisboa, desta-

Grupo Musical Montargilense — Vivendo há mais de quarenta anos, em moldes talvez inéditos no país, — não possui sócio algum —, vem o Grupo Musical Montargilense prestigiando a nome da terra, elevando-o bem alto onde quer que se desloque.

Necessita este brioso agrupamento de uma sede e de um coreto, para o que, como é lógico, atendendo aos moldes em que vive, não possui verba. Foi por intermédio de «Ecos do Sor» lançado o alvitre da sua construção, do que «A Província» faz eco apelando para o bairro da população de Montargil, para que seja possível ao G. M. M. vir a possuir as obras de que necessita.

A grande força de vontade, a grande dedicação demonstrada pelos componentes, regente incluído, é de louvar. Para que o agrupamento continue a manter-se, tem sido necessária muita boa vontade.

Algumas vezes deixam de auferir nas suas profissões quantias superiores às que vão receber por abrihantar festejos, e outras vezes não recebem o que lhes pertence, por ser necessário pagar despesas indispensáveis. Já tem acontecido aos componentes do G. M. M. percorrerem quilómetros a pé por eventualmente se encontrarem trabalhando nos arredores e não quererem faltar aos ensaios.

Assim se tem mantido e se mantém o digno agrupamento. No entanto, para que isso seja possível, muito contribui o facto de, durante todo esse tempo — mais de quarenta anos — estar a ser regido gratuitamente pelo sr. Manuel Alves do Carmo.

A população local mais uma vez querará demonstrar o seu bairro, oferecendo ao G. M. M. as obras, que tão necessárias lhe são.

Desporto Corporativo. — Reunindo esta época apenas duas inscrições, terminou no dia 28 p. p., com a vitória do Grupo Desportivo da Casa do Povo de Montargil, o Campeonato de Futebol Corporativo do Distrito de Portalegre.

No primeiro encontro, realizado em 14 p. p., nesta localidade, os locais venceram o grupo representativo da Casa do Povo de Santo Amaro por 2-0. Como, no domingo seguinte, foram vencidos por 3-1, no campo do adversário, realizou-se em Portalegre um jogo de desempate, que os Montargilenses venceram por 3-2.

C.

ARTES E LETRAS

O último contra-luz

Por ANTÓNIO MARIA ZORRO

Chamava-se Firmino dos Santos e era fotógrafo—um dos poucos grandes repórteres fotográficos portugueses. Tão entranhadamente fotógrafo, que ele próprio da sua profissão fez um nome, um apelido, um título: primeiro, fotógrafo, depois Firmino—e da junção dos dois nomes, sob a inspiração irresistível da sua graça garota, nasceu «Fotomino».

Fotomino! Este nome em «flash», este nome tirado ao disparador automático, estas quadro sílabas seguidas, separadas por um invisível «clic», como se fossem quatro chapas batidas ao magnésio, este nome deixou há dias de ser uma chamada alegre, uma presença em cada reportagem, para ser apenas uma saudade entre todos os seus camaradas de trabalho, que eram quase todos os jornalistas de Lisboa, todos, pelo menos, os que fazem reportagem.

Fotomino morreu. Pela primeira vez os jornais publicaram não uma fotografia sua (e foram centenas, milhares de fotografias de Firmino dos Santos publicadas nos doze anos da sua carreira profes-

sional) mas sim a sua própria fotografia, com a notícia de que Fotomino não resistira à angina de peito que oito dias antes o prostrara, de súbito, ao começar a reportagem de um jogo de futebol.

A mágoa que a notícia causou não só entre a gente dos jornais como nos variados sectores do público, deu bem a medida exacta da simpatia pessoal e do prestígio profissional de Fotomino. Dele se escreveu: «era um excelente rapaz»; raras vezes se terá feito um elogio tão justo, uma definição tão certa, um epitáfio tão sincero. O excelente rapaz tinha quase quarenta anos, mas parecia ter vinte. Habitado a contar em imagens a vida dos outros, acompanhando a corrida exaustiva do quotidiano, esquecera-se de contar os dias da sua vida. Tinha que ser assim: os jornalistas,—sobre tudo os jornalistas da fotografia—não hão-de ter idade nem horário; o seu horário é o horário de um futuro imprevisto, o horário da próxima futura notícia; a sua idade é a dos acontecimentos que relatam, é a idade do que se está a passar, a idade que é só presente.

Para alguns, essa falta de idade, esse viver apenas do presente, é uma amputação, um disfarce, uma bata profissional que lhes esconde o verdadeiro traje; para o Fotomino era-o naturalmente. Inesquecíveis momentos de uma dúzia de anos da vida contemporânea—as mais solenes cerimónias, as mais importantes inaugurações, os mais vivos debates políticos, as grandes reuniões internacionais, as visitas presidenciais a Madrid e a Londres e até a Conferência do Palais Rose de Genebra, onde a sua sorridente traquinice conseguiu irritar Molotov—de tudo isto fez Fotomino «um boneco» e terá guardado, quando muito, a memória de uma anedota. Fotomino morreu. Somos nós, agora, quem o fotografa, quem tenta revelar os negativos do rolo de breves películas que foi a sua morte, o seu último «contra-luz». Era domingo quando o Fotomino foi a enterrar, precisamente à hora em que ele, todos os domingos, no relvado ou nas bancadas dos estádios, erguia ao alto, num pulo, a sua «Rollyflex» pronta a disparar, sem falhar uma «defesa», sem perder um «golo»; era domingo, o pri-

meiro domingo deste ano em que um Sol primaveril voltava a doirar, dos Olivais a Belém, as cenas ribeirinhas que Fotomino tanto gostava de fotografar; era domingo, e Domingo de Carnaval: foi entre bandos de mascarados que o cortejo fúnebre de Fotomino atravessou as ruas da cidade, cruzando-se com a alegre caravana dos carros a caminho do «corso» do Estoril e prendendo nas flores das coroas funerárias pedaços soltos de coloridas serpentinas; era Domingo de Carnaval, um dia em que ninguém lê jornais, em que quase toda a gente passa o fim de semana fora do quotidiano—nem por isso, contudo; a velada e o enterro de Fotomino deixaram de reunir gente sem conto, onde lado a lado se viam membros do Governo e aprendizes de tipografia, os mais conhecidos e os mais ignorados nomes e todos, sem excepção, todos os jornalistas que souberam a tempo da sua morte e a quem os deveres profissionais deixavam estar presentes.

O último «contra-luz» de Fotomino foi, assim, o dar por fundo ao luto dos seus amigos e dos seus jornais a alegria policroma de Lisboa num domingo de Sol, Domingo de Carnaval; a sua última reportagem gráfica, que fotógrafo algum teve a coragem de registar, foi a da saída da uma da Basílica da Estrela, aos ombros dos seus camaradas e perante a emoção sinceríssima de gente de todas as classes e de todos os rumos. O último «contra-luz» de Firmino dos Santos, nenhum jornal o publicou, mas por muitas anos que passem dele ficará sempre arquivada uma prova no coração dos jornalistas.

Rádio

Numa revista norte-americana encontramos, em tempos, uma curiosíssima síntese de um plano de educação musical dado através da Rádio e do Disco.

Claro que este sistema cultural não constitui para nós, de forma alguma, qualquer espécie de novidade, muito embora ainda não tenhamos todos descoberto as mais puras virtualidades da expressão musical reproduzida pela moderna técnica.

Na referida publicação incluíam-se diversas opiniões ou conselhos de célebres músicos contemporâneos (europeus e americanos) acerca da forma válida de organizar, para uso doméstico, uma pequena-grande discoteca.

Ao contrário do que aventam muitos críticos, um pouco eivados de snobismo ou excessivo rigor, aqueles não se envergonham de alternar, nos seus programas, autores de ontem (os chamados clássicos) com os de hoje—muitos dos quais se podem, de justiça, considerar igualmente clássicos, embora sejam compositores de música ligeira ou até de jazz.

Com efeito, para se obter uma panorâmica nítida da música, em geral, não basta conhecer apenas o Mozart, o Brahms, o Wagner ou o Beethoven; importa, também, uma informação concreta de compositores da chamada música sincopada, onde há trechos absolutamente dignos de antologia.

Através da Rádio é possível adquirir uma consciente cultura musical de todos os géneros. Todos os dias as nossas emissoras oferecem programas escolhidos, pelos quais o ouvinte atento poderá recolher uma ideia segura de toda a literatura da especialidade.

Evidentemente que não

basta ouvir; é preciso saber ouvir—e isto só se consegue com o auxílio da leitura e estudo de bons compêndios que, felizmente, são já acessíveis nas nossas livrarias.

Só, assim, se tornam permeáveis autores e estilos de difícil apreensão.

Se muitos daqueles são estranhos ou desagradáveis, à primeira audição, depois, em repetidas sessões, começam a insinuar-se no nosso espírito, revelando toda a sua beleza, todo o seu mistério poético e até filosófico.

A radiofonia não serve, apenas, para divertir (como erradamente julga muita gente); desenvolve, também, uma importantíssima missão cultural que muito nos deve preocupar.

O auditório é já tão vasto e complexo que obriga, portanto, a todos os cuidados, na organização dos programas e na sua execução.

O Terramoto de Agadir

(Conclusão da primeira página)

Esqueçamos a fantasia das coisas que se apresentam magnas e belas e vençamos o nosso pior inimigo neste combate encarniçado e tenaz que é a Vida.

Uma torrente de lágrimas e tristeza inunda os corações ante a terrível catástrofe marroquina, porque para eles soou a hora do tormento; e do mundo inteiro se ouvem clamores e súplicas para que a esperança fagueira de Deus e da Pátria se incorporem e lhes surjam, alimentando-lhes a alma e o corpo.

Vivamos o momento presente, ou não haverá «Alguém» a velar por nós? Portugal não é um Paraíso, mas é um País onde se caminha sem receio, onde a luta é humana e onde nos conservamos ilesos desse mar de sangue e amargura.

Será porque este cantinho é de Santa Maria?

Será porque o seu Imaculado Coração sofre por nós?

Com frases tangentes tracemos a nossa rota e sigamos sempre iluminados pela chama que ainda ilumina a Lusa-Nação e repitamos:

Ó Virgem Santa Maria
Vinde ver-nos outra vez
E abençoai dia a dia
Este povo português.

No meu silêncio...

Por instantes pensativo,
Colo a cabeça entre as mãos,
No meu silêncio
Há o castigo
De sonhos vãos...
Dobram os sinos da aldeia
Num silêncio assolador!
No meu silêncio
Há uma cadeia
Feita de dor...
No cantar da passarada
Há segredinhos de amor!
No meu silêncio
Nua, enjeitada,
Só paira a dor...
Na brisa fresca que passa
Ondula a paz das montanhas!
No meu silêncio
Oíço a chalaça
De vozes estranhas...
Nas searas alouradas
Há fartura, amor e pão!
No meu silêncio
Olho, ceifadas,
Searas sem grão...
Por entre as rochas cinzentas
Corre o murmúrio das águas!
No meu silêncio
Bem pardacentas
Sussurram mágoas...
Pelos encostas dos montes
Quanto ninho acorçado!
No meu silêncio
Sem horizontes
Vivo afastado...
E assim por diante
No meu silêncio
Fico distante...
Até que um dia
Num sonho ledado,
Sem apatia,
Acorde sem medo...

J. M. de Barros

Base Aérea, 6—Montijo, 19-1-60

Vende-se

Uma adega com tonéis para duzentas e quarenta pipas de vinho, uma caldeira e um depósito para aguardente, na Rua Dr. Manuel da Cruz, Montijo.
Trata-se na mesma Rua n.º 53.

MEU FIM DO MUNDO

Ao princípio, era o mar de lés-a-lés
Antes que Deus as ondas apartara;
Assim, de entre a água mais ou menos clara,
A terra surge, aos pés de Deus, aos pés.

Bem nos ficara o mundo, qual o fez
O eterno, se o pecado o não mudara...
Pois outro mundo eu sou, ninguém repara
Que,—de mim próprio—eu seja outro Moisés.

Quanto ao começo, só direi um tanto:
— «Nasci nas vagas, ao nascer do pranto
Por Gerações chorando antes de mim».

Mas, afirmo e juro em última verdade:
— Se das águas eu venho, é na saudade
Ou lágrimas em mar que está meu fim».

ANTÓNIO CORREIA D'OLIVEIRA